

MÉDIA

Organização

Maria da Luz Correia
e **Catarina Rodrigues**

E

CONTRIBUTOS
PARA UMA POLÍTICA
DAS MEDIAÇÕES

IN DIS
CIPLI
NA

MÉDIA E INDISCIPLINA

CONTRIBUTOS PARA UMA POLÍTICA DAS MEDIAÇÕES

Organização

**Maria da Luz Correia e
Catarina Rodrigues**

MÉDIA E INDISCIPLINA

CONTRIBUTOS PARA UMA POLÍTICA DAS MEDIAÇÕES

Coordenação: Maria da Luz Correia
Catarina Rodrigues

Capa: António Pedro

Paginação: Pedro Panarra

© Edições Húmus, 2024 e Autores
End. Postal: Apartado 7081
4764-908 Ribeirão – V. N. Famalicão
Tel. 926 375 305
E-mail: humus@humus.com.pt
www.edicoeshumus.pt

Impressão: Papelmunde, SMG, Lda. – V. N. Famalicão
1.ª edição: Julho de 2024
Depósito legal: 535502/24
ISBN 978-989-9213-24-1

Esta publicação obteve financiamento do Governo Regional dos Açores, através Direção Regional da Ciência e Tecnologia. Foi ainda apoiada pelo CHAM Açores, particularmente através da verba “2022 – Apoio ao Funcionamento do CHAM Açores”. Também teve o apoio da Fundação Gaspar Frutuoso.

Índice

- 7 Ciências da comunicação, média e indisciplina
Maria da Luz Correia
- Parte 1.
- Na senda de Mário Mesquita.
Da história da imprensa açoriana à crise do jornalismo.**
- 23 Poder dos média e democracia
Paulo Serra
- 43 Da crónica (aventuras e extravios de um género jornalístico)
Paulo Meneses
- 63 Mário Mesquita, um Homem de Cultura
Ana Cristina Correia Gil
- 71 O perfil da imprensa dos Açores no século XIX
Susana Serpa Silva
- 89 A imprensa católica açoriana nas primeiras três décadas do século XX
José Paulo Machado
- Parte 2.
- Écrãs, redes e mediações.
Reflexões críticas sobre os média e a cultura digital.**
- 101 Notas sobre a transição digital
Maria Teresa Cruz
- 117 A civilização da Imagem e o imaginário melancólico da nossa época
Moisés de Lemos Martins
- 139 Para uma teoria comunicacional da mediação
Samuel Mateus
- 159 Retórica, lógica informal e o estudo da argumentação
Rui Sampaio da Silva

Parte 3.

Releituras

- 179 A cidade: sugestões para a investigação do
comportamento humano em ambiente urbano
Robert E. Park
- 225 Teorias e práticas do jornalismo: do telégrafo ao hipertexto
Mário Mesquita
- 253 Notas biográficas das editoras e autores

Mário Mesquita, um Homem de Cultura

ANA CRISTINA CORREIA GIL

*Porque a cultura, mais do que uma mobilização do espírito,
é uma atitude dele.*

Fernando Pessoa, *Sobre Portugal*

Começemos por onde era menos suposto começar-se: pelos números. Mário Mesquita, ilustre jornalista, professor e político português, deixou vasta obra publicada. No total, deste legado impresso constam cerca de 17 livros e brochuras, 17 textos de colaboração em obras coletivas, 29 artigos científicos sobre temas de comunicação e jornalismo, 6 artigos sobre a História contemporânea dos Açores e 7 prefácios (Riley et al., 2021, pp. 809-814). É evidente que não é a quantidade que importa, mas a qualidade e esta revela-se em todos os escritos de Mário Mesquita, sem exceção. No entanto, não podemos deixar de ficar surpreendidos com a imensidão de páginas que saíram da pena deste pensador. Este é, de facto, o epíteto que melhor se lhe cola, o de pensador crítico da sociedade contemporânea nas suas várias facetas: mediática, política, social, histórica, etc.

Mário Mesquita, nascido nos Açores, na ilha de S. Miguel, a 3 de janeiro de 1950, teve um trajeto multimodo, que constitui, afinal, a sua imagem de marca. É de Jaime Gama uma das sùmulas mais felizes desta variedade de ação de Mário Mesquita, afirmando o antigo Presidente da Assembleia da República que:

vemos passar [Mário Mesquita] do jornalismo para a comunicação, da intervenção política para a conceptualização política, das redações dos jornais para as escolas de ensino superior e universidades, da construção pragmática para a convicção programática. Sempre com aquele desprendimento a que nos habituou e faz do seu trajeto um bom exemplo do que pode a liberdade sobre o constrangimento das pessoas (Riley et al., 2021, p. 31).

O seu interesse pelas Letras e Humanidades revela-se cedo: colabora, ainda adolescente, na imprensa micaelense – nos jornais *Açoriano Oriental*, *Correio dos Açores* e *Diário dos Açores* –, publicando contos e poemas e organizando páginas sobre Eça de Queirós e Antero de Quental, bem como enveredando por temáticas sobre jornalismo. Este pendor literário e humanista vai acompanhá-lo no seu percurso ao longo da vida, percebendo-se sempre nos seus escritos e nas suas intervenções a importância dada à formação cultural e à expressão correta e elegante em Língua Portuguesa, que cultivava.

Neste percurso tão marcado pela diversidade, avulta, porém, um princípio que acompanhou Mário Mesquita durante toda a sua vida: a defesa de um jornalismo de rigor e qualidade. Este princípio tornou-se evidente quando, nos anos 80, tomou em mãos o projeto do *Diário de Notícias* e o modernizou (de 1975 a 1978 como diretor-adjunto e de 1978 a 1986 como seu diretor), quando foi diretor do *Diário de Lisboa* (entre 1989 e 1990), quando aceitou ser o primeiro Provedor do Leitor em Portugal na imprensa diária generalista (de 1997 a 1998, no *Diário de Notícias*), quando exerceu funções de vice-presidente do Conselho Regulador da Entidade Reguladora para a Comunicação Social, etc.

A ideia que Mário Mesquita fazia do que devia ser um jornal ficou, aliás, bem patente nesse trabalho de afirmação e modernização do projeto editorial do *Diário de Notícias*, após o período conturbado por que passou este periódico a seguir ao 25 de abril de 1974. Nos anos 80, sob a sua direção, o DN afirmou-se pela sua independência em relação ao poder político (ao contrário do que até então acontecera) e reuniu um corpo de profissionais qualificado e experiente, como relembra Cristina Ponte (Riley et al., 2021, p. 39).

Cedo a experiência e os estudos de Mário Mesquita – licencia-se em Comunicação Social na Universidade Católica de Lovaina – são vertidos na formação de jovens jornalistas através da docência académica em várias instituições de Ensino Superior portuguesas: na Faculdade de Letras da

Universidade de Coimbra, onde contribui para a criação da licenciatura em Jornalismo, e também na lecionação na Universidade Católica Portuguesa, na Escola Superior de Jornalistas do Porto, na Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Nova de Lisboa, na Universidade Lusófona e na Escola Superior de Comunicação Social de Lisboa. Muitos são hoje os profissionais, quer académicos, quer jornalistas, que o recordam como o seu mestre e lhe reconhecem o pioneirismo na introdução e consolidação da área científica das Ciências da Comunicação em Portugal, como é o caso de Susana Salgado, que, no artigo “Fazer, ensinar e estudar jornalismo”, confidencia:

Repensar princípios e formatos é hoje o desafio de todos aqueles que fazem, ensinam e estudam *media* e jornalismo. Pessoas como Mário Mesquita tornam mais possível esta quase impossível tarefa. Quer pela qualidade do seu trabalho, quer pela fonte de inspiração que proporcionam aos seus alunos e colegas. (Riley et al., 2021, pp. 797-798)

Também na Universidade dos Açores Mário Mesquita apadrinhou a licenciatura em Comunicação Social e Cultura e a Pós-graduação e o Mestrado em Cultura e Comunicação, proferindo, em 2 de novembro de 2004, a lição inaugural “Teorias e práticas do jornalismo: do telégrafo ao hipertexto”, reproduzida na íntegra neste volume. Nesta lição, Mário Mesquita volta a um dos seus temas de eleição: a velha questão da objetividade em jornalismo – e na representação em geral, enquanto questão filosófica e epistemológica. As suas obras e artigos tratam de muitos temas basilares do campo jornalístico: para além da recorrente questão da objetividade, os textos de Mário Mesquita abordam os temas da imparcialidade e do distanciamento, da mediatização da realidade, das questões éticas e deontológicas, do serviço público e privado, da autorregulação dos média (recorde-se que foi vice-presidente do Conselho Regulador da Entidade Reguladora para a Comunicação Social e foi Provedor do Leitor), do jornalismo-espetáculo que cede à pressão do mercado, entre outros.

Das suas obras sobre jornalismo destaca-se *O Quarto Equívoco. O poder dos media na sociedade contemporânea*, publicado em 2003, uma obra de referência nacional e internacional na área das Ciências da Comunicação, que reúne ensaios mais teóricos e análises da realidade mediática portuguesa e estrangeira (na secção “Cerimoniais”). Nesta obra, uma das problemáticas fundamentais é precisamente a reflexão sobre a objetividade jornalística – a

que provocatoriamente chama a “Santa Objectividade” (Mesquita, 2004a, p. 215) –, sobre a qual Mário Mesquita tem uma perspetiva modelada pelo seu mestre Paul Ricoeur, a de que a objetividade deve estar sempre na mira do jornalista, ainda que este tenha consciência de que tem sempre subjacente um lastro de subjetividade que advém da natureza do próprio ato narrativo (que implica escolhas de palavras, de ângulos narrativos, de imagens, etc.) e subsequente explicação dos factos. Na já citada lição inaugural proferida na Universidade dos Açores, Mário Mesquita insiste nesta perspetiva sobre a objetividade:

podemos sustentar que nenhum acontecimento é o mesmo em duas notícias distintas. O jornal, a rádio, a televisão ou o *website* não são “espelhos da realidade”. O acontecimento é ele próprio, mas também a linguagem em que foi reelaborado, o modo como foi interpretado, o tempo em que foi reportado... (Mesquita, 2004b, p. 8)

O importante é que o jornalista e a sociedade em geral tenham consciência deste aspeto. Outros temas são tratados em *O Quarto Equívoco*, sobretudo os que se referem à ética e à deontologia jornalísticas, aos acontecimentos mediáticos, à comunicação política e ao jornalismo cívico. No entanto, o que mais se destaca nesta obra é o facto de ela ultrapassar o campo dos média e do jornalismo e se constituir enquanto reflexão cultural sobre a sociedade contemporânea, nas suas fragilidades e oportunidades, como releva Helena Sousa numa recensão crítica da obra:

Os paradoxos do jornalismo e dos *media* são ainda apresentados num contexto mais alargado das contradições dos próprios sistemas democráticos e da crise de legitimidade que parece hoje caracterizá-los. Nas articulações que tece com o campo social mais amplo em que se inserem os vários jornalismo e as suas representações, Mário Mesquita vai dando conta dos constrangimentos (e potencialidades) económicos, sociais, culturais e míticos em que navega esta ideia frágil de todos os dias nos contarem o presente. (Sousa, 2005, p. 257)

Mário Mesquita revela-se, assim, um verdadeiro homem de Cultura, na sua capacidade de analisar, interpretar e correlacionar as várias vertentes da contemporaneidade a partir dos *mass media*, captando os modos de vida – as

“*structures of feeling*” de uma época, como as designou Raymond Williams (Williams, 1985, p. 56) – do tempo em que se integra. Mais do que certezas, o seu pensamento crítico lança questões e dúvidas, mostrando ceticismo e hesitações, atitudes típicas da Cultura, como refere Fernando Pessoa:

Porque a cultura, mais do que uma mobilização do espírito, é uma atitude dele. [...] O homem culto, em geral, quanto mais lê de menos fica certo. A segurança e a confiança são atributos finais da erudição; como o ceticismo e a hesitação apanágio extremo da cultura (Pessoa, 1978, pp. 80-81).

Esta “atitude” de cultura e esta mundivisão clarividente valeram a Mário Mesquita o reconhecimento dos seus pares e da sociedade em geral, materializado por várias vezes nos prémios recebidos ao longo da vida. Recebeu o Prémio de Reportagem do Clube Português de Imprensa (1986), o Prémio Artur Portela da Casa da Imprensa (1987), o Prémio Gazeta de Mérito do Clube de Jornalistas (1998), o Prémio Manuel Pinto de Azevedo Jr., na modalidade de investigação, de *O Primeiro de Janeiro* (1999) e foi distinguido com a medalha de reconhecimento da Assembleia Legislativa Regional da Região Autónoma dos Açores (2011) e com o diploma de reconhecimento municipal pela Câmara Municipal de Ponta Delgada (2015).

Ao reconhecimento institucional patente nos prémios com que Mário Mesquita foi agraciado, alia-se a homenagem coletiva reunida no volume *A Liberdade por Princípio. Estudos e Testemunhos em Homenagem a Mário Mesquita*, publicada em 2021. Coordenada por Carlos Riley, Cláudia Henriques, Pedro Marques Gomes e Tito Cardoso e Cunha, esta obra é hoje um repositório inestimável quer de testemunhos de quem conviveu, aprendeu e trabalhou com Mário Mesquita, quer de ensaios sobre aspetos vários do Jornalismo e da História contemporânea. Leia-se, a título de exemplo, a transcrição, por Maria Inácio Rezola, da entrevista que Mário Mesquita fizera a Ernesto Melo Antunes em finais de 1970 e que ainda permanecia inédita, entrevista esta que, para além das revelações do entrevistado sobre o Portugal pré-25 de abril, nos mostra um entrevistador temerário e incisivo, indo ao cerne das questões, mesmo as mais sensíveis e polémicas (Riley et al., 2021, pp. 125-146).

Dividido em sete capítulos, *A Liberdade por Princípio. Estudos e Testemunhos em Homenagem a Mário Mesquita* aborda várias fases da vida de Mário Mesquita: o capítulo 1 trata sobre os principais aspetos da sua biografia

(intitula-se “O Percurso”) e o capítulo 7 (“Os Testemunhos”) adiciona mais uns tantos testemunhos aos do capítulo inicial. De grande relevo histórico e biográfico são também a “Síntese biográfica de Mário Mesquita” e a “Bibliografia selecionada de Mário Mesquita”, apresentadas no final do volume, bem como a longa entrevista dada por Mário Mesquita a Anabela de Sousa Lopes, que constitui o capítulo 6. Os vários campos científicos em que Mário Mesquita se moveu e nos quais deu cartas dão azo a capítulos sobre diferentes temas: “As temáticas” (capítulo 2) reúne textos sobre Ciências da Comunicação (versando as personagens jornalísticas, o poder dos média, a objetividade jornalística, a ética, a imagem, o som, o documentário, a narratividade, os acontecimentos mediáticos, a informação-entretenimento); “Questões de Comunicação e Artes” (capítulo 3) é a secção em que são abordados temas como a literatura, as artes plásticas, o Brexit, a manipulação das massas, a pandemia de Covid-19 e o discurso mediático, a rádio, entre outros; e “Dossier Media Events” (capítulo 5) reúne textos de Mário Mesquita e dos investigadores que o inspiraram na análise dos eventos mediáticos, Elihu Katz e Daniel Dayan. A relação com a sua terra natal fica vertida em “História Contemporânea dos Açores” (capítulo 4), em que vários investigadores, alguns deles açorianos, se ocupam de aspetos da História recente do arquipélago, como a emigração e o jornalismo, a relação com os EUA, etc.

A Liberdade por Princípio. Estudos e Testemunhos em Homenagem a Mário Mesquita é já, portanto, um marco nos estudos sobre Mário Mesquita e sobre a Comunicação Social em Portugal e a diversidade de temáticas presente na obra espelha claramente o ecletismo de interesses e de áreas de atuação e de reflexão do próprio homenageado.

De facto, a grande cultura e capacidade de relacionar saberes de Mário Mesquita revela-se na variedade de áreas sobre as quais pensou e escreveu. Destaque-se, somente a título de exemplo muito pontual desta abrangência de conhecimento, a perspicaz relação que faz no artigo “Retóricas da comunicação: do jornalismo às telecerimónias” entre partes da retórica clássica – invenção, disposição e elocução – e a escrita jornalística, bem como a exploração da presença de figuras de retórica como a metáfora, a metonímia, a repetição, a elipse e a alternância, no discurso mediático (Mesquita, 2004a, pp. 337-350). Também os dois volumes que reúnem as suas crónicas – *Deve & Haver* (Mesquita, 1984) e *O estranho dever do cepticismo* (Mesquita, 2013) – revelam a atenção de Mário Mesquita à realidade que o circunda, seja ela

referente à cultura, à literatura, às artes plásticas, à política, à filosofia, à história das ideias, à teoria literária e à narratologia, etc. É, portanto, de um verdadeiro humanista que falamos, um homem a quem importava tudo o que ao ser humano dissesse respeito, sempre norteado pelos valores da liberdade, da igualdade, da justiça, do rigor e da cidadania.

Se a Cultura é a procura de aperfeiçoamento constante que resulta de um olhar crítico e atento ao mundo, Mário Mesquita era um verdadeiro homem de Cultura. Com uma curiosidade sobre o mundo que o tornava um ser inquieto e perscrutador, era um “viajante” com grande capacidade de abarcar o mundo com o seu olhar analítico, interpretativo e crítico. Como refere Lúcia Jorge, no prefácio a *O estranho dever do cepticismo*, de 2013, “Mário Mesquita foi capaz de radiografar a civilização em que vivemos” (Jorge, 2013, p. 23). O seu legado imenso e rico é uma prova irrefutável deste seu modo de ser, admirado por tantos, por todos nós.

Referências

- Jorge, L. (2013). Este livro branco. Prefácio. In M. Mesquita, *O estranho dever do cepticismo* (pp. 19-24). Tinta-da-China.
- Mesquita, M. (1984). *Deve & Haver*. Distri Editora.
- Mesquita, M. (2004a). *O Quarto Equívoco. O poder dos media na sociedade contemporânea*. Minerva Coimbra.
- Mesquita, M. (2004b). Teorias e práticas do jornalismo: do telégrafo ao hipertexto. *Arquipélago / Línguas e Literaturas, Anexo 2*.
- Mesquita, M. (2013). *O estranho dever do cepticismo*. Tinta da China.
- Pessoa, F. (1978). *Sobre Portugal. Introdução ao problema nacional*. Ática.
- Riley, C. G., Henriques, C., Gomes, P. M. e Cunha, T. C. e (2021). *A Liberdade por Princípio. Estudos e testemunhos em Homenagem a Mário Mesquita*. Tinta-da-China.
- Sousa, H. (2005). Recensão do livro *O Quarto Equívoco – O Poder dos Media na Sociedade Contemporânea*, de M. Mesquita, *Comunicação e Sociedade*, 7, 255-258. [https://doi.org/10.17231/comsoc.7\(2005\).1221](https://doi.org/10.17231/comsoc.7(2005).1221)
- Williams, R. (1985). *Culture and Society 1780-1950*. Penguin Books.

